

# POVO ALGARVIO

SEMÁNARIO REGIONALISTA

REGISTADA  
3258  
TAVIRA

AVENÇA

Redactor Principal <b>MANUEL VIRGÍNIO PIRES</b> Redacção e Administração Rua Guilherme Gomes Fernandes, 20—TAVIRA	Director, Editor e Proprietario <b>Dr. JAIME BENTO DA SILVA</b>	ASSINATURAS Série de 12 Números . . . . . 5\$00 Composição e Impressão Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António
--	--	---

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

## A consagração do Estado Pio XII Novo Corporativo

O Cardeal Pacelli foi eleito Papa, tendo tomado o nome de Pio XII. Que seja o «Pastor Angelicus» das profecias que sob a sua direcção o mundo caminha para a verdadeira Pás, trazendo à Igreja o maior prestigio, são os votos filiaes de quem dirige este jornal.

Eugenio Pacelli, o nome do novo Papa, fez 63 anos no dia em que ascendeu ao Solio Pontificio. E' italiano, melhor, é romano. Ocupou varios e importantes cargos na diplomacia do Vaticano, especialmente o de Nuncio em Munique, para onde foi nomeado em 20 de Abril de 1917. Em 7 de Fevereiro de 1930, pela demissão do Cardeal Gaspari, foi nomeado Secretario de Estado da Santa Sé, cargo que ocupava á data da reunião do Conclave que o fez Chefe da Igreja Catolica.

Varias vezes desempenhou o cargo de Legado Pontificio, em Buenos Aires e em França, especialmente nas Festas de Santa Tereza do Menino Jesus, em 1937, em que a sua missão tomou fóros de acontecimento mundial pelos discursos que proferiu e pelas honras especiais que lhe foram prestadas por parte do Governo Francés.

Duma cultura muito vasta, duma intelligencia invulgar, o novo Pontifice vai, estamos convencidos, na Cadeira de Pedro continuar a tradição brilhante dos ultimos Papas, todos Eles intimamente conhecedores da verdadeira posição da Igreja em presença dos diferentes acontecimentos que se sucederam nos seus pontificados. De resto, da existencia da Igreja, dependem, logicamente os corolários da sua acção. A Igreja é sempre a mesma. Para a compreender, basta meter-nos dentro da sua doutrina.

Do Silabus, de Pio IX, á condenação do racismo, de Pio XI, a trajectoria seguida é a mesma, em linha recta.

Nunca a Paz da Igreja faltou a dar a solução para os diferentes problemas e, ás vezes, quando estes, para os laicos, ainda não estavam bem formulados.

**Este número foi visado pela Delegação de Censura.**

traídos já não sei donde,—aspirações de algum dia. Caiu a semente na terra sequiosa, e germinou, e viceja, e frutifica na extensa seara que os nossos olhos vêem: á descrença dos pessimistas apresentam-se realidades palpaveis.

E quando, por ocasião das festas centenarias, realizarmos o primeiro Congresso das Corporações, alargada a organização e os seus beneficios pela progressiva integração de toda a actividade nacional no plano corporativo, seguros de haveremos regenerado a Nação e conscientes do papel que ainda lhe está reservado no mundo, poderemos inclinar nossas bandeiras ante a memoria dos que fizeram Portugal e dizer lhes orgulhosamente:—nós somos bem os filhos do vosso sangue e os legitimos continuadores da vossa Historia.

*A formidável manifestação que algumas centenas de milhares de portugueses, socios dos varios organismos corporativos, promoveram no dia 27 a Sua Ex.ª o Sr. Presidente do Conselho, marca na vida do Estado Novo e da nossa Patria a consagração do corporativismo como organização social, aceite e defendida indiscutivelmente por todo o povo de Portugal.*

*Mesmo para aqueles que continuam partidarios de que, onde está a maioria, está a razão, esses mesmos não podem negar o valor real do plebiscito que representou essa manifestação.*

*Para nós isso não era preciso. Mas para aqueles que ainda dudavam, esses por politica, outros por medo, o dia 27 veio confirmar definitivamente a unidade indestrutivel de Portugal e dos principios que presidem ao Estado Novo Corporativo.*

*Honra, pois, ao Povo Português e a Salazar, ao Homem que soube arrancar a Patria do descabro em que se encontrava e trazê-la de novo á luz do sol, á situação brilhante de hoje, identica á de quinhentos e que, humilhados, pensavamos não mais se repetiria na Historia de Portugal.*

### A mensagem ao Chefe do Governo

*Excelência:—Recorda-se V. Ex.ª, com certeza, das duvidas manifestadas por quasi todos os trabalhadores portugueses nos primeiros tempos da revolução nacional,—duvidas que, aliás, bem se justificavam pela triste experiencia de tão longos anos em que tudo se prometeu e nada se cumpriu.*

O Estatuto do Trabalho Nacional, lançando as bases da organização corporativa, veio modificar este estado de coisas e atraiu para a situação criada pelo «28 de Maio» a grande massa trabalhadora do país.

E não podia ser de outra maneira.

Já antes desse belo documento,—acostumados á pronta levandade dos improvisadores de cada hora; afeitos ao costume de esperar sem mais esperanças, nos tinha surpreendido a fé profunda com que um só homem se votava inteiramente ao bem da Patria. Impressionou-nos depois a pertinácia, a teimosia,—a raiva com que esse mesmo homem trabalhava sem repouso anos seguidos para a salvar do abismo, para lhe restaurar o seu lugar no mundo e para finalmente, sem escusas promessas, cuidar enfim da pobre gente humilde que ganha duramente o pão de cada dia.

Agora somos nós os mais autorizados para julgar a obra social que se acha feita.

E somos nós os mais autorizados porque foi para nós que ela se fez.

Através dos receios e temores de certos cuidadosos calculistas; a pesar da reserva «doutrinária» de certos liberais que acharam arriscada «esta aventura»—foi para nós que se criaram até hoje 158 instituições de previdencia; que se aprovaram e puseram em vigor mais de 80 contratos e acordos colectivos de trabalho; que se abriram nas pequenas aldeias portuguesas 316 Casas do Povo; que se fixaram em tabelas legais salarios minimos, e se criaram em numerosas sedes sindicais os postos medicos de assistência gratuita e permanente. As férias pagas; o horario de trabalho; a obrigação de pré-aviso; a garantia do lugar em certos casos; o regime de trabalho instituido para as nossas mulheres e os nossos filhos; e, finalmente, a segurança que hoje temos de que estas

leis se cumprem depois que se criou para nós e nos escuta uma magistratura do trabalho,—são razões que sobejam para virmos dizer ao maior e melhor de todos os trabalhadores que o entendemos; que bem sabemos como lhe são devidos o direito e a paz que disfrutamos, e que estamos com ele dum modo tão aberto e tão leal como um irmão com outro!

Quando nos dizem que muitas leis são facéis de fazer mas que não é de mais leis que precisamos, nós podemos apontar a esses aquilo que se vê, sem grande custo, só com os olhos da cara: os Bairros Económicos; as casas de repouso á beira-mar da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho; as moradias para os mais humildes que já não são forçados a criar os filhos como se criam certos animais em casbres de lata miseráveis; e o pequeno teatro alegre e simples que percorre o país de terra em terra para mostrar aos nossos olhos gastos de cuidados, um pouco de beleza que muita vez julgamos não ter sido criada para nós.

V. Ex.ª disse um dia estas palavras: «Há ainda miséria na terra... injustiça entre os homens... deficiências... porque nem tudo o que se há de fazer está feito, nem podia tê-lo sido».

*Excelência:—*Estão aqui reunidos com essa multidão os dirigentes de 313 sindicatos nacionais e das 316 Casas do Povo e Casas dos Pescadores representando quasi um milhão de portugueses.

Os que vieram de longe, dos mais remotos cantos do país, sabem ao que vieram muito melhor que os indiferentes que ainda há pouco viram passar na rua este desfile impressionante.

Com plena consciencia do mandato em que nos investiram; sabendo bem que é V. Ex.ª quem nos ouve e que nos ouve o país, vimos dizer-lhe:

O homem eminente que um dia concebeu e pôs em marcha esta serena revolução na paz pode contar connosco.

Queremos contribuir quanto em nós caiba para a elevação do nosso nível social e para a melhoria das condições económicas do país.

Mas queremos ainda mais alguma coisa:

Queremos também que se não chame mais «uma experiência» á organização corporativa. Mas que esta obra imensa e salvadora se acrescente, prosiga e se engrandeça.

E se é preciso para invocar, para falar assim, uma razão segura e que mereça a pena ser ouvida, então diremos: Não temos sido em relação á organização corporativa como os espectadores que, de longe que estão, mal podem vê-la, e que vendo-a de perto a não percebem. *Nós temo-la vividal*

E esta razão deve chegar para que V. Ex.ª nos dê fé!

Ainda há pouco no relatório dos decretos leis de 12 de novembro se escreveu:

«Urge aproveitar todas as possibilidades que nos oferece o valioso potencial da organização do trabalho, collocando-o em condições de cooperar com os elementos da organização económica!» Queremos reintegrar a unidade nacional no plano da corporação.

Foi a compreensão do que aqueles diplomas significam para nós que aqui nos trouxe.

E porque queremos estar bem possuídos do espirito que há-de presidir ás futuras corporações é que pedimos aos gremios patronais que, irmanados nos mesmos sentimentos, aqui viessem connosco.

Mais uma vez ligados aqui estamos, neste primeiro «Cortejo das Corporações», para trazer ao chefe da revolução nacional a certeza de que, integrados na doutrina do Estatuto do Trabalho Nacional, estão a seu lado, atentos á palavra do comando, todos os que, labutam sem descanso pela grandeza e eternidade da nossa querida Patria!

Foi-nos dito uma vez:  
*Portugal pode ser, se nós quizermos, uma grande e prospera Nação.*

O eco dessas palavras está neste compromisso que tomámos:

*Excelência:—Portugal há de ser, porque nós queremos, uma grande e prospera Nação! Viva Portugal! Viva Salazar! Viva a Organização Corporativa!*

### O discurso do Chefe do Governo

**Trabalhadores do meu País!  
Homens dos Sindicatos, das Casas do Povo, das Casas dos Pescadores!**

**Dirigentes do trabalho nacional!**

**Homens de pensamento e de acção!**

**Portugueses!**

Eu não deminuirei com apagado e inutil discurso a beleza desta hora magnifica: se digo brevisimas palavras é só para vincar o alto sentido da vossa manifestação. Nem tomarei para mim—transitorio representante duma ideia e deficiente realizador duma politica, excedendo uma e outra a estatura e a vida de um homem—não tomarei para mim nem os aplausos, nem os louvores nem as aclamações: quero que sejam para vós mesmos os que pudesdes erguer ante os olhos da cidade com optimismo, com devoção, com fé, a antecipada imagem do que há-de ser a nossa **revolução na paz**. Não, não é ainda a hora triunfal, o sol a pino do meio-dia, mas é já depois das indecisões do alvorecer a alegria e a saudavel frescura da manhã.

Fômos nados e criados a maior parte de nós em concepções diferentes das que inspiram hoje a nossa vida colectiva; era a divisão na politica, a luta nas classes, a desordem na economia, o egoismo nas relações sociais, a elegancia da ociosidade, o cansaço de viver. Muitos disseram: abandonemos a coisa publica á inspiração das paixões e aos movimentos e caprichos da multidão—e foi o predomínio da politica sobre a vida, com a **democracia**. Outros afirmaram: criemos sem preocupações e sem método as riquezas, elas chegarão com abundancia a cada um—e foi o predomínio do economico sobre o social, com o **liberalismo**. Ainda outros defenderam: distribuamos pelos que somos as riquezas criadas e a criar segundo a razão suprema dos nossos appetites—e foi o predomínio do social sobre o economico, pelo **socialismo**. Mas se na desordem politica, nas injustiças da economia liberal, na devastação operada pelo socialismo estavam as logicas consequências dos sistemas, estava tambem aí o germe da ruina colectiva. Nem eu sei como a Patria podia ser nas almas mais que imagem literaria ou velha tradição de heroicos feitos a que ia faltando a vida profunda, a consciencia duma unidade essencial. Pois que unidade resiste á divisão? que solidariedade ao odio? que comunidade á falta de disciplina e de organização?

E nasceu o **corporativismo**—que, elevado a regra constitucional da ordem nova, a principio informador da comunidade nacional, caldeia a Nação no Estado e é como consciencia activa da da nossa solidariedade na terra no trabalho e na vida, isto é, na

Patria—a nossa familia que não morre.

Quando vos ouço afirmar o desejo de trabalhar sem descanso pela grandeza e a eternidade da Patria; que desejeis contribuir para o desenvolvimento economico de Portugal e para melhorar as condições de vida dos portugueses; que sois para tanto atentos á palavra do comando e que estais com os Chefes como um irmão com outro irmão—sinto que haveis mergulhado até ás raizes profundas e compreendido na pura essência das coisas a que tende o nosso corporativismo.

Podíamos não ter feito mais nada—podíamos não ter melhorado os salarios, nem feito contratos colectivos, nem estabelecer caixas de previdencia, nem assistido ao desemprego, nem construindo casas para os operarios e jardins para filhos dos pobres, nem aumentado as exportações, nem defendido os preços—podíamos nada ter feito que beneficiasse a economia ou melhorasse materialmente a condição dos portugueses, e teriamos realizado uma obra imensa só com dar aos trabalhadores a consciencia e o respeito da sua dignidade, só com ter criado o ambiente de paz social, só com ter feito compreender, feito viver a solidariedade existente entre os que estudam as soluções e os que organizam e dirigem o trabalho ou executam, e convencido a todos a trabalhar cada vez mais para beneficio comum.—Era isto sem duvida o que impunham a razão e a justiça, e é tambem isto que impõem as superiores necessidades da Nação.

Nós poderíamos não estar criando—e estamos—a sociedade do futuro, a antecipar nos e a prevenir as convulsões de que usam irromper os novos ciclos da historia do mundo; nós poderíamos não estar senão atendendo ás mais instantes necessidades do momento e do nosso País, e ainda se imporia como acertado o caminho que trilhamos. Quando sentimos em volta de nós tantos sintomas de desagregação, ele conduz-nos a reforçar a nossa coesão e unidade e por elas a aumentar a força e o poderio do Estado. Quando aqui e além se apregôam e conseguem impôr-se os direitos da preguiça, debilitando as economias nacionais, nós ansiamos por mais intensos esforços para melhor consolidarmos a nossa e defendermos o nosso trabalho de alheias servidões. Quando o odio açula as paixões e intelligencias perversas pretendem estabelecer no mundo o reino bruto da materia, nós protestamos pela revolução do espirito que anime os homens e assente a vida em justiça e amor.

Eu não sou um ideólogo que visiona utopias, nem de tal pode acusar-se quem é obrigado a viver em cada dia pela intelligencia e pelo coração muitos anos do futuro. Leio em grandes disticos frases soltas, pensamentos ex-

# Impressões duma Visita a Marrocos

IX

## Um casamento mouro

Vários algarvios residentes em Lisboa e na nossa provincia tem-nos manifestado o seu reconhecimento pelos artigos que temos publicado no «Povo Algarvio», com os aspectos e impressões dos antigos dominios dos portugueses no Norte de Africa. Alguem lembrou a conveniencia de sugerirmos a ideia de se organizarem nas escolas excursões de estudo a estas regiões onde se recorda o nosso passado glorioso. Para satisfazermos o desejo manifestado por alguns amigos e se o illustre director do jornal não precisar dispor deste espaço para assunto mais oportuno, faremos ainda uma descrição resumida de Meknés, a Versaille marroquina, e por ultimo de Fez, a capital do Norte do império que é notavel pelos seus aspectos e tradições do antigo Moghreb.

Para amenizarmos estes artigos, fazemos hoje a descrição das cerimoniaes dum casamento mouro, parte das quais observamos em Marrakech, no mês de Outubro de 1935, por ocasião em que fomos assistir a trasladação dos restos mortais do marechal Lyautey para Rabat.

Foi no mês de Outubro, quando á noite saíamos depois do jantar do Grande Hotel Tazi, que é um grandioso edificio moderno construido na cidade indigena, de Marrakech, quando nos dirigiamos à Grande praça Djema et Fna, para comprarmos bilhete para fazermos na manhã seguinte a viagem para Mogador antigo dominio dos portugueses situado a 176 Kms, que assistimos inesperadamente a uma das cerimoniaes de um casamento mouro.

Cerca das 11 horas da noite, sob um luar argenteo, que permitia projectar as silhuetas das arvores do vastissimo palmar, num horizonte rubro, ouvimos na direcção da Brasserie Universal uma gritaria infernal, acompanhada de alguns tiros de espingarda. Entre a multidão destacavam os vultos de algumas mulheres, que faziam sobressair um *hou, hou* estridente que vinha debaixo do albornós com que cobriam o rosto. Aproximamo-nos do grupo e o nosso guia explicou-nos que aquela manifestação era a cerimonia dum casamento que ia ser realizado. Fomos então informados da forma como se contrata e realiza um casamento entre arabes. O proprio noivo faz o pedido de casamento aos pais da noiva e se for bem sucedido envia á sua escolhida, que em regra mal conhece, *henné*, tamaras e vestidos de seda. A noiva conserva-se oculta e invisivel até ao dia do casamento. Esta situação pode durar alguns anos, visto que os casamentos são ajustados com as raparigas ainda creanças. Os arabes casam aos 18 anos e as raparigas aos 10 anos, para serem mamãs aos 12 anos. Passadas estas edades canónicas o casamento já se considera ilegal. Acontece ás vezes casarem as raparigas aos sete anos, mas neste caso separam-se os dois esposos que só se juntam quando as raparigas atingem a idade legal dos 10 anos. Nos arabes sucede o memo do que por cá, atender-se muito ás fortunas e assim é frequente fazer-se a união de um velho rico com uma creança de 10 anos. Durante todo o periodo do noivado e, em todas as festas o futuro esposo procura ser gentil com a noiva, oferecendo-lhe joias, vestidos, escravas para a servirem. Os preparativos continuam sendo feitos pelas duas familias conforme a riqueza que possuem.

Na noite marcada para a cerimonia o noivo pede aos seus amigos, que são os padrinhos, para irem buscar a noiva que é conduzida com grande manifestação de alegria, como a que vimos, onde figuravam algumas mulheres, batendo com os dedos em tamborins. Quando a noiva com o seu cortejo chegou a casa do noivo, foi introduzida com grande pompa no quarto nupcial, enquanto o impaciente marido aguarda com os padrinhos numa casa proxima. A meia noite o noivo vae juntar-se com a noiva, mas antes de transportar o lumiar da porta do quarto, uma maiona apresenta-lhe um peneiro, cujo fundo deverá romper com um soco. Se o peneiro fôr atravessado com toda a mão a familia da noiva regosija-se, porque o marido virá a ser bom e forte; mas se não tiver furado o peneiro entra da mesma maneira no quarto e faz uma oração. A seguir ele proprio vai despir a noiva que fica em camisa e *shalvar* (calções). Dá-se a seguir uma luta simulada, na qual é de bom tom que a mulher não se deixe vencer; o rapaz agarra-a; ela defende-se e andam qual debaixo, qual de cima a ver qual é que consegue dominar o outro, havendo casos em que o moiro tem de amarrar a sua competidora. Se o noivo se deixa vencer e é posto á porta da rua, todas as mulheres; que aguardam no patio o final do combate cospem lhe para cima e fazem-lhe uma troça tremenda.

Antes da noiva dar entrada no quarto nupcial dão alguns excitantes para tomar, tais como claras de ovos, ovos de galo amassados com mel e especiarias. Se o marido chegar a consumir a desfloração da mulher, ele abandona logo o quarto, para onde se precipitam as duas familias e o noivo esconde-se num outro quarto. Faz-se a exhibição do fato inferior da noiva, quando tenha os sinais visiveis da consumação do acto; o qual passa de mão em mão entre os visinhos que assistem á cerimonia; para assim se comprovar a pureza da noiva.

No dia seguinte de manhã o noivo toma um banho de *hammame* vai almoçar com a esposa. Neste momento e durante sete dias o marido é considerado como um sultão, escolhe os seus vizires e toda a gente da casa está ás suas ordens. A noite há uma festa num jardim, oferecida aos amigos, que durante uma semana são seus hospedes. Se os convidados faltam ao casamento pagam uma multa.

Num museu em Fez vimos um quarto de noivos, com o mobiliário, os apetrechos para queimar perfumes, as almofadas ao longo das paredes, e um quadro onde estavam inscritos os mandamentos dos casados, nos quais figura uma disposição que não permite ao noivo dormir com a noiva senão depois de decorridos sete dias depois da cerimonia do casamento e também só pode comer frangão e outros produtos de regimem.

A poligamia deixou de ser permitida entre os arabes que ainda há pouco tempo podiam casar com três mulheres, sobretudo quando não tinham filhos da primeira, nem da segunda. Quando as esposas não estavam de acôrdo o marido era obrigado a ter uma casa para cada uma das mulheres, podendo ficar vivendo durante 15 dias com cada uma delas.

O divorcio é permitido e muitas vezes faz-se por um motivo futil: quando a mulher não sabe cozinhar, quando saia sem licença, ou quando na rua olhe para outro homem. E ainda com mais forte razão o divorcio se efectua quando a esposa seja esteril. Basta uns oito dias para se cumprirem as formalidades legais do divorcio.

J. Corrêa dos Santos

# Impressões duma jornada apoteótica

Passam primeiramente alguns camiões com rapazes da «Mocidade Portuguesa». O dia está triste, ennevoado, cinzento—mas o entusiasmo dos rapazes abre clareiras na tristeza do dia. Soltam-se os primeiros vivas os primeiros gritos da apoteose que vai desenrolar-se.

Vêm depois os automóveis, as camionetas, as motocicletas. Quantos carros—ao todo? Não se sabe. Mii? Dois mil? Talvez mais...

E logo em seguida—quadro inolvidável de cor e grandeza—um mar ou uma floresta de bandeiras; são as bandeiras de todo os Sindicatos Nacionais—mais de trezentos; de todas as Casas do Povo—também mais de trezentos; de todas as Casas dos Pescadores, de todos os Grémios. Cerca de oitocentas bandeiras que o vento desdobra, que o vento agita, mostrando as insígnias do trabalho, da industria, do comércio.

E' Portugal que passa. Há cabeças que se descobrem, olhos que se enchem de lágrimas...

Mas imediatamente após as bandeiras surge a multidão imensa, interminável—cujo desfile vai entrar pela noite dentro.

Passam estudantes agitando no ar as capas negras; operários de fato macaco; gente da terra; gente do mar. De tempos a tempos alguns rostos conhecidos: o Sindicato Nacional dos Actores; o Sindicato Nacional dos Jornalistas. O pessoal das grandes empresas trás á frente os tecnicos, os gerentes, os patrões. As direcções de muitos organismos corporativos e de coordenação económica marcham á cabeça dos seus empregados. Grandes letreiros gritam frases de Salazar, vezes de comando na linha geral da Revolução de Maio:

«Temos uma doutrina, somos uma força»; «Somos mais, somos melhores»; «enquanto houver fome num lar a Revolução continua».

Outros letreiros são afirmações de presença: «Nós, os do Pôrto viemos»; «O povo da Nazaré sauda Salazar»; «Os Sindicatos Nacionais do Distrito de Aveiro saudam Salazar».

E uma larga tira de pano proclama:

«Estamos vendo coisas novas em Portugal».

Da massa de povo que assiste á passagem da manifestação destacam-se a cada momento cachos de pessoas: são retardatários que ingressam nos seus sindicatos, provincianos residentes em Lisboa que se juntam á gente da sua aldeia, da sua vila.

E nota curiosa, digna de atenção, de relêvo: há vibração, entusiasmo, fôgo—mas não há gritos de ódio ameaçadores, agressivos. A manifestação dos trabalhadores de Portugal não se realiza contra ninguem. E' a manifestação a Salazar. Uma grande, magnifica, deslumbrante prova de gratidão e confiança. Mas as bandeiras que precedem a manifestação entram já no Terreiro do Paço; na Rua do Oiro, no Rossio, nas Avenidas, os manifestantes continuam, porém, a passar—e continuarão ainda a passar durante bastantes horas, por entre palmas, vivas, saudações.

Chuvas de manifestos caem dos aviões sobre a cidade.

E Portugal vai passando sempre: lá vêm os poveiros, os pescadores de Matosinhos, os de Peniche, os da Nazaré, com os mesmos trajes que vestem quando se vão ao mar a afrontar as tempestades. A' testa dum destes grupos alguns mocinhos arvoram guiões com os nomes dos barcos: «Deus-te-guie»; «Senhora da Boa Viagem»; «A Noiva dos Pescadores».

Ainda estão manifestantes a descer caudalosamente a Avenida da Liberdade quando o ope-

Pontos de Vista

# O PAPA

Vai por esse mundo fóra uma vaga perturbadora de atroz e significativa tristeza que, em absoluto, se justifica perante a irreparavel perda do Chefe da Igreja Catolica, defensor acérrimo da Justiça, do Direito e da Verdade.

Era um Homem que reunia em si todas as qualidades para merecer a admiração dos crentes e não crentes, e para isso caminhava com os olhos postos em Deus, atravessando com doçura as ingremes montanhas dos sacrificados, sempre com a ideia fixa na beleza extasiante e irrepreensivel da Paz. A Paz—póde dizer-se sem receio de errar—foi a preocupação mais intensa da sua vida inteira.

A sua grandiosa acção, tão inergica como bondosa, tão persistente como habil, limitava-se a procurar e a exercer a perfeita harmonia entre os seres cuja existência Ele considerava lalhada para florir alheia ás crueldades do odio, ao desespero fatidico da paixão, à mesquinha torpêsa da vingança, escudando-se caridosamente, com união divina, na intelligencia, para abrir horisontes novos da mais santa bondade e do mais purificado amor.

Quando das guerras, da ferocidade dos combates, das luctas em que só paira enraivecida a vontade imperiosa do triunfo, Pio XI, na purpurea composição dos seus costumes, jámais abandonava aquela serenidade que eloquentemente se lhe lia no rosto, como simbolo da mais ardente fé. E ao pressentir a revolta dos animos, tendente a crescer, e ao adivinhar a terra ensanguentada, cada vez mais putrida e desoladora, não vacilava em surgir na magestade da sua adorada figura, aureolada de esperança, para dizer aos batalhadores que cessassem as iras, oferecendo lhes em troca a sua própria vida!

O mundo então pasmava dessa suprema atitude em que só havia a compreensão nitida da soberania do Homem que desempenhava na terra um papel que obrigava a sacrificar-se por tudo que não fosse contrário ás leis da humanidade, e respeitava-o e adorava-o, certo de que no Papa tinha o protector magnânimo, exemplar, para desviar os perigos nas ocasiões dificeis e dolorosas.

Atravessou a vida que foi longa para Ele e curta para nós que o pranteamos, com a ponderação dos sabios. Não dava um passo sem que o seu espirito deixasse de ignorar o resultado dos seus empreendimentos, rodeando-se de bases firmes, estudadas com o poder extraordinario da sua alta visão, Envelheceu entre os livros e os santos, tornando-se, com uns e outros, erudito e bom.

A sua palavra era sempre um hino de concordia que subia aos céos purificada pela alegria das almas. O seu immortal sorriso era a expressão maxima da bondade, produzindo o efeito do brilho duma estrela, em noite cerrada, guiando o caminhante.

A obra de Pio XI é toda feita de amor, de carinho, de brandura e de resignação. E' uma obra completa que enobrecce os corações; é uma obra sagrada. A História se encarregará de a registar em paginas de ouro, porque só a História a fará lembrar eternamente.

Entretanto seja-nos permitido destacar o que a Ele se deve não só como «Pontífice da Paz», mas como o impulsor estrênuo da causa missionaria para a qual empregou o maximo da sua prodigiosa actividade. Basta dizer-se que já há anos o numero de baptizados de adultos, nos territorios das Missões de Propaganda, atinge quasi meio milhão por ano! Pouco depois do advento de Pio XI avaliava-se a população catolica dos países sujeitos á Congregação da Propaganda, em 12 milhões de almas aproximadamente. Em 1933 esse numero elevava-se de forma consideravel. Segundo o «Guia das Missões Catolicas» ultrapassava a cifra de 18 milhões!

Condenou vigorosamente o comunismo impondo se desde logo como um formidável e intransigente defensor social. E' duma lucidez rara e penetrante a exposição dos maleficios provindos desse tragico organismo.

Os Tratados de Latrão que puzeram termo á velha questão romana e que asseguram ao chefe da cristandade o livre exercicio da sua soberania perante o mundo, são elementos valiosos a confirmar o seu resolutivo espirito de prudencia e de reconciliação.

A sua pertinacia, porém, acentua-se notavelmente quando da união a que foram reconduzidas as igrejas cristãs do Oriente. A ela juntou para o exito estrondoso obliido o mais impressionante carinho.

Finalmente, a acção Católica de Pio XI, desenvolvida com entusiasmo e fervor desde a sua eleição até piedosamente fechar os olhos para sempre sob o dominio cruel da morte, aponta o como uma das figuras mais fulgurantes do Pontificado. Era no seu dizer conceituado e justo «a pupila dos seus olhos».

Resta agora que a Capela Sixtina anuncie a Roma e ao Mundo o novo Papa, escolhido para continuar a obra pacificadora do seu antecessor de que a humanidade tanto carece.

Agurcio Cardoso

rário Abel Mesquita lê a Salazar a mensagem dos trabalhadores.

## CINZAS DO PASSADO

### Tavira há 76 anos

Os lavradores não tem palha para dar ao gado. As searas, que estavam bem principiadas, vão murchando; não chove e tudo vae secando.

Pelos favaes, vereis o mais. Não há meio de chegar a Draga.

Não se pode resistir á carestia dos géneros de primeira necessidade.

O movimento marítimo é quasi nenhum, porque os barcos estrangeiros tem receio de ficarem atravessados no Rio. Tal é o estado em que se encontra.

Os empregados da Alfandega não podem viver com o pouco ordenado que teem.

Do jornal que se publicava em Lisboa «O Algarviense», de 16 de Julho de 1863.

Todo o bom nacionalista deve assinar o jornal «Povo Algarvio».

Assinai o «Povo Algarvio»

**A Exposição do Mundo Português representará, nas comemorações, o padrão gloriozo do nosso caracter Cristiano e Universalista**

por Manuel Araujo

II

Não menos terminante e concludente é António Sardinha ao fixar o sentido universalista que nos lançou na admirável epopeia das Conquistas e brilhantemente marcou a sua presença nas descobertas de novos mundos. E dr. Augusto de Castro, diplomata e escritor, consagra-lhes estas observações luminosas:

«A civilização portuguesa é essencialmente uma civilização de «expansão»: grande, sempre que o Destino a integrou na sua posição histórica que é muito mais universal que nacional. O nosso genio é um genio de irradiação. Daí provém o nosso cosmopolitismo criador e, porventura, os nossos defeitos domesticos. Fomos sempre muito maiores fora de casa que dentro de casa. Mas isso não impede de reconhecer que a nossa consciencia nacional não é apenas feita de conquistas e de evangelizações, mas também ligada á terra, com raizes no solo—e que, se demos uma expressão geografica nova ao Mundo, também criamos uma maneira de «sentir» nacional. Povo de descobridores, de grandes capitais, de criadores de civilização, mas povo de santos, de poetas, de lavrantes de pedra e de alma.»

São estas prodigiosas virtudes e é acção fecunda que elas determinaram—o sangue que derramamos em todos os continentes e a obra que, em todos elles, realizaram os nossos santos, os nossos homens de armas e os nossos administradores—que vão ter pois, expressão, vida e côr na «Exposição do Mundo Português.»

Motivos tenho eu, portanto, para a considerar o número mais alto e mais belo das comemorações: é que dominará nela, em toda a sua beleza e em todo o seu valôr, desde a Fundação á Restauração, desde a Restauração á Revolução Nacional—o génio mortal da Raça.

E' que aparece expresso nos seus simbolos e na sua história, nos seus passos e na sua concepção, o caracter extraordinariamente singular da nossa civilização. De facto nem foi aventura inconsciente nem a ambição de bens materiais—como judiciosamente notou o insuspeito dr. Duarte Leite—que escreveram as páginas imorredoiras de quinhentos e marcaram o sentido da nossa actividade. Foi a contribuição desinteressada que demos á riqueza do Mundo, ao progresso científico e á paz das consciencias. Sempre que pozemos pé em terra desconhecida logo erguemos uma cruz e estabelecemos uma escola; sempre que demandamos o mar e abrimos novos caminhos em oceanos nunca navegados logo os oferecemos aos interesses de todos povos.

...Na hora agitada que a Europa atravessa a «Exposição do Mundo Português» constituirá, portanto, uma nova e fecunda lição do nosso valor histórico, e da contribuição que temos dado ao progresso e ao bem estar do Mundo.

**BANDA MUNICIPAL DE TAVIRA**

Concerto de Domingo das 15 às 17 horas

I PARTE

No Jardim — P. D.	Chicória
Marco Espada—Abert.	Auber
Violetti di Parma—Suits de Valsas	Bicucci
Carmem — Opera	Bizet

II PARTE

Marcha de Cadiz—Zar.	Chueca
Frondejante—Inter.	H. Rocha
Mimoso—P. D.	P. Ribeiro

**PELA CIDADE**

**Bailes da Pinhata**—Conforme noticiámos realizaram-se no passado domingo interessantes Bailes da Pinhata nos Clubes locais: Sociedade Orfeónica e Recreativa Tavirense, que decorreram com grande brilhantismo e animação até altas horas da madrugada.

**Orfeon**—Na Sociedade Orfeónica realizam-se nas próximas 3.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> feira ensaios de todos os naipes do orfeão.

**Theatro Popular**

O filme de fundo do programa cinematográfico de hoje *A Cidade do Ouro* em 9 partes, digno sucessor de «Viva Villa» é uma grandiosa produção que nos apresenta as páginas rubras da história da colonização da Califórnia na interessante biografia de Joaquim Murrieta, intemperato defensor dos nativos contra a usurpação dos americanos.

Joaquim Murrieta, honesto trabalhador mexicano, para vingar a morte de sua mulher e dum irmão enfileira numa quadrilha de bandidos fazendo-se seu chefe e consegue o seu fim mas numa refrega contra os americanos é ferido gravemente.

O ódio fá-lo desrespeitar a lei —O amor tornou-o um patriota.

As paisagens, filmadas na verdadeira patria de Joaquim Murrieta, o heroi da História, são deslumbrantes e maravilhoso o desempenho do grande actor Warner Baxter.

Os complementos são muito apreciáveis, destacando-se *A perfeita organisação*, filme policial e *O Cabelheiro de Sevilha*, uma farsa musical, ambos com a exibição em 2 partes.

E até ao proximo domingo com Danielle Darrieux no filme de grande successo: *Uma Francezinha em Nova York*.

**Excursão ao Porto**

Promovida pela Empresa de Viação Algarve, de Faro, realiza-se no próximo dia 14, uma excursão aquella cidade invicta; a qual sairá de Faro na manhã daquele dia, passando por Lisboa, chegando ao Porto na tarde do dia seguinte e regressando na manhã de 20, passando novamente por Lisboa.

O preço de inscrição é de 100.000.

**Agradecimento**

Maria da Conceição Bandeira Carvalho, vem por este meio, patentear o seu reconhecimento a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde, durante a operação a que foi submetida em Lisboa.

**Regimento de Infantaria 4**

Conselho Administrativo

**ANUNCIO**

Faz-se publico que no dia 17 do corrente pelas 14 horas se recebem na Secretaria do Conselho Administrativo deste Regimento, propostas em carta fechada para o fornecimento de forragens a verde para os solipedes desta Unidade, no corrente ano economico, de harmonia com as condições que estão patentes no dito Conselho Administrativo, todos dias uteis das 15 ás 17 horas.

Quartel em Tavira, 3 de Março de 1939.

O Secretário,

José Martins Fangueiro

Alfereis do Q. S. A. E.

**Noticias Pessoais**

**Aniversários**

Fazem anos:

Hoje—a menina Maria Ilete Lopes Dias.

Em 7—D. Cesaltina Drago Padinha Barão e o sr. dr. Carlos Fuzeta.

Em 8—D. Amélia das Dores Costa Pires e o sr. José Augusto dos Reis Junior.

Em 9—o sr. Alfredo Pires Faleiro Junior.

Em 10—os srs. José Julio Leote Cavaco e Julio César Galhardo.

Em 11—D. Maria Ana da Silva Pires Faleiro Reis, D. Lucina Carvalho Peres Cansado e D. Marta Aline Garrana Neto.

**Partidas e Chegadas**

Partiu para Lisboa o sr. Joviano Ramos, aluno do Curso Superior.

—Foi a Lisboa donde já regressou o sr. Americo da Cunha Parreira Faria, gerente da firma Francisco Maria de Araujo Ribeiro, desta cidade.

—Partiu para Lisboa o sr. capitão Filipe Ribeiro.

—Foi á capital o sr. Tenente José de Sousa Regato Junior.

—De visita a seus sogros esteve nesta cidade o sr. Francisco José Lopes Ribeiro, funcionário da C. P.

—Na companhia de sua esposa regressou da capital o sr. Engenheiro Joaquim Mendes Cipriano.

—Afim de assistirem á manifestação a sua Ex.<sup>a</sup> o sr. Presidente do Conselho foram a Lisboa os srs. Manuel Ventura, presidente do Sindicato da Construção Civil, desta cidade, José Antonio de Jesus, Presidente da Junta de Freguesia de S. Tiago, Ladislau Soares e José Gonçalo, funcionários municipais.

—Esteve entre nós o sr. Capitão Sardinha da Cunha.

—Esteve nesta cidade o sr. Joaquim Maximiano Palmeira, chefe da Estação das Amoreiras.

—Partiu para Coimbra o nosso particular amigo sr. Dr. Eduardo dos Reis Viegas Mansinho.

—Retirou para o Porto, o sr. Rui João de Faria Pereira, aluno de Farmacia.

—Partiu para a capital o sr. coronel José Cortez dos Santos, comandante do Regimento de Infantaria n.º 4.

**Definição**

Esse mixto de dôr e de alegria que a nossa alma acalenta vida fóra, essa lenta tristeza que extazia, que ri e faz chorar na mesma hora, é sonho de quimera, fantasia que faz da terra ceu, que na aurora brilhante de uma bem falsa magia, nos guia na ambição do que se ignora...

da flecidade que jamais se alcança! Essa longa canseira que não cança, nasce uma vez na vida, como a flor;

Lento agora, depois mais a correr... e já quando o julgamos a morrer, renasce mais vibrante... é o Amor.

S. Léria

**Livros e Revistas**

**Vida de Cristo, segundo os Evangelhos e as revelações de Catarina Emmerich.**

Encontra-se em distribuição o fasc. I (4.º volume) desta ilucidativa publicação (Rua do Loreto, 34, s/loja—Lisboa).

Com o presente fascículo, iniciou o autor o 4.º volume, ou seja o terceiro da vida publica do Salvador, acompanhando, passo a passo e quasi dia por dia, as pregações do Mestre.

Orientado pelos evangelhos, e revelações verdadeiramente prodigiosas de Catarina Emmerich, fornece-nos o autor, Rev. J. Alves Terças, a vida completa de Jesus por uma forma completamente nova, como em nenhum autor, até hoje conhecido, é possível encontrar.

As viagens do Mestre são acompanhadas de mapas, altamente ilucidativos, para quem deseje conhecer o local exacto onde se efectuaram os principais milagres, ou cidades onde Jesus pregou.

Agradecemos o exemplar oferecido.

Assina! o "POVO ALGARVIO"

**Pela Província**

**Villa Nova de Cacela**

**C. A. P. I.**—A esta freguesia foi destinada a quantia de 1.539.000 para ser distribuída aos indigentes nos meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro.

Dessa quantia, apenas recebeu a Comissão local: 526.750, referente a Dezembro. Estamos em Março, e ainda se não recebeu 1.012.250 para as esmoladas dos meses de Janeiro e Fevereiro.

Com tanta mendicidade e um inverno tão rigoroso, é lamentável que o auxilio aos indigentes não seja prestado nas épocas para que foi destinado e quando mais falta faz.

Será a velha ferrugem burocrática a causa de tal falta?

Sem procuração dos interessados, aqui fica o nosso brado.

**Esmolado**—Os herdeiros do Conselheiro Frederico Ramires, entregaram ao Rev. Prior desta freguesia, a quantia de Esc. 500.000, para serem distribuídos em esmoladas pelos pobres.

**Visita**—Tivemos o prazer da visita dum velho amigo e ex-condiscipulo, o Coronel-Farmacêutico, Jaime José da Costa.

Este distinto farmacêutico, irmão do falecido especialista de doenças de olhos, médico, José Costa, há mais de 30 anos que se dedica á preparação de pomadas para várias doenças de olhos, que são hoje conhecidas de todos os médicos e preferidas pelos especialistas.

**Batismo**—Na igreja paroquial, batizou-se a menina Maria Isabel Garrana Neto, filha do nosso Amigo e assinante sr. Augusto Neto, sendo padrinhos o sr. Dr. Campos Palermo e sua esposa.

—C.

**Uma obra notavel**

**Anticipópolis**

por Luiz de Oteyza

O mercado livreiro português acaba de ser enriquecido por uma nova edição verdadeiramente fora do vulgar: *Anticipópolis*, o celeberrimo livro de Luiz de Oteyza, o autor eminente de «O Diabo branco» e «Viva El-Rei», obra em que o ilustre escritor se excede a si proprio tal a magnitude do assunto e a veemência com que é tratado. Cabe á Editorial Enciclopédia, Limitada, de Lisboa, casa que tem lançado a publico tão excellentes edições e que, não esqueçamos, é editora também da formidável «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», a gloria de ter dado a conhecer em português, numa tradução nervosa e dinâmica de Guedes de Amorim, tão extraordinária obra de literatura e de combate. Porque «Anticipópolis» é uma obra de nervo e de arrojo, é o desvendar dos mistérios duma grande civilização moderna o remexer valente, corajoso, cruel por vezes, de toda a podridão que fermenta sob a capa doirada de uma cidade tipo, conjunto de todas as perfeições materiais, de todas as audacias da invenção humana postas em prática para gôso fisico dos mortais enquanto, no sedimento moral se dá uma decomposição nauseante que torna a orgulhosa *Anticipópolis*, a cidade da antecipaçao no progresso, uma verdadeira patria do crime. E' este o fulcro da obra magnifica em que, sob o aspecto novelesco se não alberga a simples fantasia; só a verdade e a observação fria e serena fornecem a substância da obra. Por isso ela é formidável e a sua leitura aconselhavel a todos pois que, alem de um passatempo ameno pelo colorido dos meios pintados e pela novidade do processo de romantisar, constitue uma enorme lição de grande moral universal, um retumbante brado de alarme às consciencias desprevenidas e às almas que ignoram o perigo mascarado no gôso fisico que se oferece, tentador aos corpos desejosos de o fruirm.

*Anticipópolis* foi posto já a venda em todo o paiz, sendo distribuido pela Empresa Nacional de Publicidade (Diario de Noticias).

**Leite de vaca**

Puro vende-se na Horta das Canas—TAVIRA.

**Vitimas dêles próprios**

Merecem a divulgação que aqui lhes damos estes comentários de um jornalista francês sobre o esboramento do dominio vermelho na Catalunha. Referindo-se aos dirigentes marxistas, êsse jornalista escreveu:

«...Esses miseráveis, que privavam o seu povo de pão, deixaram apodrecer toneladas de farinha. O tabaco, que os soldados desejavam ainda mais do que sopa, putrefazia-se em caves. Ao passo que os republicanos pretendiam que o exército vermelho era esmagado pela superioridade do material italo-alemão, os libertadores de Barcelona descobriam na cidade reservas de armamento verdadeiramente espantosas: aqui 600 vagões atulhados de material; ali 800 camiões: acolá mil metralhadoras e 60.000 quilos de explosivos, 100 motores de aviões, 85.000 bidões de gasolina, um comboio blindado, e reservas de armas e munições que representavam um valor de cem milhões de pesetas-ouro. Possuiriam tanta coisa os exércitos nacionalistas antes de entrarem em Barcelona? Talvez não. Em todo o caso, estes achados provam—uma vez mais— a incapacidade dos chefes republicanos, as suas falcatruas, e talvez a sua traição. A miséria das populações civis e a derrota do exército são imputáveis aos ministros, aos generais e à tropa-fandanga política, duma baixaza repugnante.»

E' assim mesmo. Verifica-se agora que os marxistas estão a ser vítimas da sua própria doutrina e dos seus próprios metodos. A anarquia custa cara. A desordem faz-se pagar. Todos os sistemas inhumanos vingam-se nos seus próprios fundadores e defensores.

O melhor aliado do exército de Franco—prova-o a situação em que encontrou a Catalunha e prova-o de forma insofismável—foi o próprio regime vermelho com as suas crueldades, a sua anarquia intrinseca, a sua «indisciplina orgânica» se assim se pode dizer, os seus métodos, em resumo, de desordem e de barbarie.

**Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**

Se os dirigentes de Portugal perante o Mundo necessitassem, alguma vez, de citar as características do Portugal de hoje como grande potência de primeira plana, não poderiam deixar de dizer, no plano cultural, citando os seus sabios e artistas, «e alem disto temos um compêndio da nossa cultura, um arquivo de nosso poder intelectual, a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira!» E teriam dito em poucas palavras que o nosso paiz, de continente tão reduzido territorialmente, tinha um nível de cultura tão elevado que permitia a publicação de uma obra como aquela a que aludimos, tão bela e perfeita como as francesas, espanholas russas, italianas ou alemãs, aliás só possíveis naqueles países graças ao subsidio do Estado que a portuguesa não tem. Ocorre-nos esta reflexão ao chegar-nos às mãos o 47.º fascículo, de Fevereiro de 1939, da monumental obra. Fascículo claro está, tão importante como os antecedentes.

Num rápido relance pelas páginas deste fascículo, formosamente ilustradas logo se toparam artigos importantes como: *Bomba, Bombaim, Bombardamento, Bombeiros, Condes de Bofim, Bom Jesus do Monte, Bondade, Bónuz, Boro e Boratos, Marquezês de Borba, Borboleta, Bordados, Bordalo Pinheiro* (biografias), *Borgia, Borgonha* (Ducado), *Borracha, Bossa*, e outros muitos, todos muito curiosos, devidos a nomes ilustres entre os quais o são, como o Eng.º João Segurado, Dr. Antonio Sérgio, Prof. Marques Guedes, Coronel Americo de Bivar, Dr. Travassos Valdez, Dr. Filomeno Lourenço, Dr. Antonio Maria Godinho, Dr. Claudio Basto, Gomes Monteiro, Prof. Gonçalves Pereira, Prof. Mendes Correia Gastão Sousa Dias, Prof. Rodrigues Lapa, Dr. Manuel Valadares Prof. Celestino da Costa, Prof. Luiz de Pina, Prof. João de Vasconcelos, Eng.º Miguel de Paiva, Dr. Otero Ferreira, Dr. Zaluar Nunes, etc., etc. São também interessantísimas as suas estampas de arte que este fascículo inclui entre as suas 96 páginas.

E', de verdade, qualquer coisa de notável. E agora, que os seus editores instituíram um regime de vendas por pagamentos suaves com entrega imediata dos volumes completos e encadenados é dever de todos os portugueses cultos possuir esta grande obra do génio português.

## Bernardino M. Mateus

GENEROS ALIMENTICIOS DE 1.ª QUALIDADE

PERFUMARIAS, LOUÇAS, VIDROS  
E ARTIGOS DE NOVIDADE

R. Alexandre Herculano, 2 e 4 -:- R. da Liberdade, 1 e 5

TAVIRA

## Cunha & Dias, L.<sup>da</sup>

8 - RUA DA LIBERDADE - 10  
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira  
e da Fosforeira Portuguesa  
Venda de tabaco e fosforos  
aos melhores preços  
Condições especiais  
para revendedores

## A COMPETIDORA

— DE —

## José Augusto Neves

28, Praça da República, 29

TAVIRA

Tem sempre ótimos artigos de Lani-  
fícios e Algodões aos melhores preços.

SERVIR BEM É O SEU CAMINHO!

Nesta época festiva recomenda-se a  
V. Ex.<sup>as</sup> uma visita ao estabelecimento.

## Paulino & Graça, L.<sup>da</sup>

RUA JOSÉ PIRES PADINHA

TELEFONE N.º 41

TAVIRA

Os melhores

Artigos de Mercaria

Excelentes

Chás e Cafés

Puro

Azeite do Alentejo

Lindas

Louças

Finos

Vidros

Bons

Talheres

Duráveis

Esmaltes e Ferros de engomar

Gostosa

Confetaria

Saborosos

Licores e Vinhos do Porto

Chique

Papel de Cartas

Variados

Brinquedos

Escolhida

Perfumaria das marcas—NALY,  
BENAMOR, SANTA CLARA, TAI-  
PAS, etc. . .

Sabonetes—Loções—Rouges

Batons—Pós de Arroz

Pastas Dentífricas

Crems Dentífricos, etc. . .

Apreciáveis

Descontos aos Revendedores

Módiços

Preços

COMARCA DE TAVIRA

## ANUNCIO

Faço saber que por este Juizo e terceira secção, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação deste anuncio, citando Domingos Maia, e sua mulher Ester Bento, êle construtor naval e ela domestica; Tomaz Maia, solteiro, maior, marítimo; Amadeu Maia mulher Dolores Cruzela, êle negociante e ela domestica; Gertrudes dos Reis, viuva, domestica; Romeu Reis; Beatriz Reis; Eduardo Reis; Rui Reis; e Julieta Reis, menores pobres, trabalhadores, êstes conjuntamente com sua mãe e avô, a dita Gertrudes dos Reis, todos ausentes em parte incerta da Africa Occidental, sendo o seu ultimo domicilio na Travessa das Cunhas, número onze desta cidade de Tavira, de que foi designado o dia catorze do próximo mês de Abril, por doze horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, para se louvarem em peritos nos autos civis com processo especial de divisão de coisa comum em que é requerente Leopoldina Amelia Peres Padinha, viuva, proprietaria, residente nesta cidade de Tavira, nos termos e para os fins do disposto do artigo quarta e seis paragrafo unico do decreto vinte e um mil duzentos e oitenta e sete e quinhentos sessenta e oito do Codigo do Processo Civil, podendo tambem de-

Venda de propriedade rústica

Vende-se o «Pomar do Pombo» no sítio da Asseca, freguesia de Santo Estevão, concelho de Tavira, pertencente aos herdeiros de José Pires de Jesus. Recebem-se propostas em carta fechada até às 12 horas do dia 26 do corrente mês de Março, na farmácia Aldomiro de Sousa, em Tavira. Podem também ser entregues ao solicitador Cordeiro Peres.

## Vende-se

Uma casa no alto de S. Braz com armazem grande no rez de chão, quintal, palheiros, seis divisões no 1.º andar e armazem anexo.

Nesta redacção se informa.

duziram, no praso legal, a opposição que tiveram por conveniente, tudo conforme a petição inicial junta aos referidos autos.

Tavira, 28 de Fevereiro de 1939

O Chefe da 3.ª Secção, int.º

José Mateus Mendes

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

J. de Deus Pereira

## ESCOLA

Comercial Portuguesa

POR CORRESPONDENCIA

Rua do Arsenal, 54-3.º LISBOA

Fundada em 1930

e ao abrigo do Decreto 23.447

Habilitação garantida para

Guarda-livros

em 8, em 12 ou em 20 meses, conforme o tempo de que o aluno dispõe em cada dia, a sua idade, etc.

Quadro de Honra: alguns distintos alunos

N.º 13

Sr.ª D. Líbia Rodrigues—Andulo

(Bié-Angola).

Sr.ª D. Liberdade Rodrigues—Lisboa.

Sr.ª D. Marie Thérèse Déssaux—

Alto Estoril.

Sr.ª D. Maria M. do Rio Espinheira—Porto.

Sr.ª D. Maria Amélia Ribas de Lemos—Aljustrel.

(Iremos publicando mais nomes nos numeros seguintes.

Cursos de Escrituração, Contabilidade, Estenografia, Dactilografia, etc.

Peça grátis o nosso livro de propaganda que contem planos de estudo, programas dos diferentes cursos, tabelas de preços, muitas centenas de nomes e moradas de antigos alunos, de Lisboa, Porto, Províncias, Colónias e estrangeiro, etc.

Se lhe fôr possível recorte e envie-nos este anuncio.

Agente no Algarve: Para informações e matriculas, Sr. Alvaro Correia de Carvalho, Avenida da Republica, n.º 128, OLBÃO.

## Recordar

é viver

## Bento (alfaiate)

Ex-Oficial da casa João Carvalho (Espanhol), ao Chiado, «Ultimo Figurino», Lisboa

Confecções de fatos para senhoras pelos ultimos figurinos

Tendo como gerente técnica

M.<sup>me</sup> Guilhermina Bento

Rua Roque Féria, 20

ou no próprio

Joaquim João Carmo Bento

TAVIRA

## Sebastião do Nascimento Gonçalves

(Antigo empregado da Casa José Viegas Mansinho)

RELOJOEIRO

Junto ao Mercado Municipal

R. José Pires Padinha

TAVIRA

Concertos, reparações e limpeza de: Relógios, Ouro, Prata, Joias, Grafonolas, etc., etc.

Pelos preços mais módicos

Propagai os vossos produtos no semanário  
- regionalista: POVO ALGARVIO -  
o jornal de maior expansão da Província.

## Drogaria Tavirense

DE  
SOUSA ROSA & VICENTE, L.<sup>DA</sup>

DROGAS e PRODUTOS QUIMICOS  
Alcatrão, Pés louro, Qual-Tar, Sulfato de cobre e enxófrs  
OLEOS, TINTAS, VERNISES e SECANTES

FERRAGENS NACIONAIS e ESTRANGEIRAS  
FERRAMENTAS

ARTIGOS de BORRACHA  
Tubos para irrigador, sacos para gelo e agua quente

AQUAS MINERO-MEDICINAIS  
Vidago, Melgaço, Pedras Salgadas, Castelo e outras

Perfumaria

Completo sortido das acreditadas marcas  
NALY BENAMOR, SANTA CLARA, HARLESSE, TOKALON etc. etc.

Rua José Pires Padinha

TAVIRA

Aparelhos de T. S. F.  
das melhores marcas  
do mundo como sejam:

PONTO AZUL,  
KÖRTING,  
PAILLARD, etc., etc.

VENDE:

Francisco Padinha Raimundo

TAVIRA